

ZACARIAS e os MACABEUS:
AS PROFECIAS ANTES
DO CRISTIANISMO

ESCRITO POR
C. A. COSTA

Zacarias e os Macabeus:

As Profecias Antes do

Cristianismo

Zacarias e os Macabeus:
As Profecias Antes do Cristianismo
Copyright© 2026
Carlos Alexandre V. da S. Costa

Todos os direitos reservados ao autor desta obra.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou qualquer meio (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor. Também é vedada a alteração, distribuição e venda desta obra sem o consentimento do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/1998 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Sumário

<i>Introdução.....</i>	<i>1</i>
------------------------	----------

<i>Capítulo 1 - As influências diretas, textuais e históricas dos Macabeus no Novo Testamento.....</i>	<i>5</i>
--	----------

<i>Capítulo 2 - As influências diretas de Zacarias sobre a literatura dos Macabeus.....</i>	<i>12</i>
---	-----------

<i>Capítulo 3 - Por que as “profecias messiânicas” de Zacarias se cumprem nos Macabeus, não em Jesus.....</i>	<i>19</i>
---	-----------

<i>Conclusão.....</i>	<i>25</i>
-----------------------	-----------

<i>Referências Bibliográficas.....</i>	<i>30</i>
--	-----------

Introdução

O livro do profeta Zacarias, a literatura dos Macabeus e o Novo Testamento estão ligados por uma mesma cadeia histórica e simbólica, ainda que essa relação seja frequentemente obscurecida por leituras confessionais. Quando analisados sob um prisma histórico-crítico, os oráculos de Zacarias não apontam originalmente para uma cristologia futura, mas para conflitos concretos vividos por Judá no período pós-exílico e, sobretudo, no contexto helenístico tardio. Esses conflitos encontram sua realização histórica mais plausível nos eventos narrados em 1 e 2 Macabeus, especialmente na resistência armada contra o poder selêucida, na

purificação do Templo e na redefinição da fidelidade religiosa (Zc 9:1–8; 9:13; 1Mac 1–4).

Os livros dos Macabeus, por sua vez, não apenas narram esses eventos, mas os interpretam teologicamente, produzindo categorias que se tornam centrais no judaísmo do século II a.C., como martírio, fidelidade sob tortura, ressurreição corporal e vindicação divina (2Mac 6:18–31; 7:1–42). Essas categorias não desaparecem com o fim do período hasmoneu, mas permanecem ativas no imaginário religioso judaico e reaparecem de forma consistente no Novo Testamento, sobretudo em Hebreus, nos Evangelhos, em Atos e no Apocalipse (Hb 11:35–38; Mc 8:34–38; Mt 24:15; At 7:54–60; Ap 6:9–11).

O Novo Testamento, contudo, não se apresenta como continuação histórica direta dos Macabeus, mas como releitura teológica desse legado. Elementos originalmente ligados à resistência judaica, à purificação do culto e à fidelidade à Lei são reorganizados em torno da figura de Jesus e reinterpretados à luz da experiência cristã. O mesmo ocorre com Zacarias, cujos oráculos passam a ser lidos como profecias messiânicas, apesar de sua inserção original em um horizonte de conflito histórico e restauração nacional (Zc 12:2–9; 13:1–3).

Este estudo parte da hipótese de que muitas das chamadas profecias cristológicas atribuídas a Zacarias encontram seu cumprimento histórico mais consistente nos acontecimentos do período macabeu, e não no Novo

Testamento. Este último opera como instância de reaproveitamento simbólico e teológico, não como cenário de realização histórica direta. A partir dessa chave interpretativa, torna-se possível reler Zacarias, os Macabeus e o Novo Testamento de forma coerente, historicamente situada e metodologicamente honesta.

Capítulo 1

As influências diretas, textuais e históricas dos Macabeus no Novo Testamento

A influência dos livros dos Macabeus sobre o Novo Testamento é direta, estrutural e historicamente verificável. Não se trata de paralelos vagos ou analogias tardias, mas da incorporação de categorias teológicas já plenamente desenvolvidas no judaísmo do século II a.C. Os autores neotestamentários escrevem dentro de um ambiente religioso moldado pela experiência da perseguição selêucida, da resistência hasmoneia e da reelaboração do sentido do sofrimento do justo (1Mac 1:41–64; 2Mac 6–7).

O primeiro e mais evidente eixo dessa influência é a **teologia do martírio**. Em 2 Macabeus, o martírio não é acidental nem trágico, mas consciente, voluntário e fundamentado na fidelidade à Lei, mesmo sob tortura extrema (2Mac 6:18–31; 7:1–42). A recusa explícita de livramento imediato aparece associada à esperança da ressurreição corporal e da vindicação divina (2Mac 7:9,14,36). Essa mesma lógica é retomada de forma quase literal na Epístola aos Hebreus, quando se menciona pessoas “torturadas, não aceitando resgate, para alcançar uma melhor ressurreição” (Hb 11:35–38). O texto de Hebreus pressupõe o paradigma macabaico como dado conhecido, não como inovação cristã.

Essa ética do sofrimento fiel reaparece também na Primeira Epístola de Pedro, onde padecer injustamente é apresentado como expressão de fidelidade diante de Deus, sem retaliação ou resistência violenta (1Pe 2:19–23). De modo semelhante, Paulo articula em Romanos a relação entre sofrimento presente, criação e esperança futura, afirmando que nem mesmo a morte rompe a relação entre o fiel e Deus (Rm 8:18–25; 8:35–39). Essa formulação ecoa diretamente o argumento da mãe em 2 Macabeus, segundo o qual o Deus criador é capaz de restaurar a vida após a morte (2Mac 7:23,28–29).

Nos Evangelhos Sinópticos, a herança macabaica se manifesta na linguagem do **custo da fidelidade**. Ditos como “quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á” e a

exigência de renúncia total não surgem como ruptura com o judaísmo anterior, mas como desenvolvimento de uma estrutura moral já consolidada, na qual a fidelidade a Deus é superior à autopreservação (Mc 8:34–38; Mt 5:10–12; Lc 14:26–33). A ideia de perder a vida presente para ganhá-la posteriormente encontra paralelo direto nas declarações dos mártires de 2 Macabeus (2Mac 7:9,14).

Outro ponto central de influência diz respeito à **profanação do sagrado**. Em 1 Macabeus, os decretos de Antíoco IV visam não apenas controlar politicamente a Judeia, mas desestruturar sua identidade religiosa por meio da imposição de cultos estrangeiros e da profanação do Templo (1Mac 1:41–64; 1:54). Em 2 Macabeus, essa profanação é interpretada teologicamente como ataque

direto à aliança e à soberania de Deus (2Mac 6:1–5). Quando Jesus retoma a expressão “abominação da desolação” nos discursos escatológicos, ele se apoia nesse precedente histórico, reaplicando uma linguagem técnica já carregada de memória traumática (Mt 24:15; Mc 13:14).

A influência macabaica também se estende à compreensão cristã do **martírio como testemunho público**. O relato do martírio de Estêvão segue o mesmo roteiro observado em 2 Macabeus: acusação pública, fidelidade inabalável, morte injusta e entrega confiante a Deus (At 7:54–60; 2Mac 6–7). O conceito de mártir como testemunha não nasce com o cristianismo, mas representa a maturação de uma categoria já consolidada no judaísmo helenístico.

No Apocalipse, essa herança alcança sua formulação mais sistemática. Os mártires que clamam por justiça, aguardam vindicação e participam do triunfo final retomam diretamente o horizonte teológico de 2 Macabeus, no qual a morte do justo é interpretada como causa judicial diante de Deus, não como derrota histórica (Ap 6:9–11; 20:4; 2Mac 7:36–38; 12:43–45).

Por fim, o Evangelho de João preserva um vínculo explícito com a memória macabaica ao mencionar a Festa da Dedicção, instituída após a purificação do Templo (Jo 10:22; 1Mac 4:36–59). Ao situar Jesus nesse contexto, o texto reconhece a legitimidade de uma festa surgida fora da Torá, mas central para a identidade judaica pós-hasmonéia, demonstrando que o cristianismo primitivo se

compreendia como herdeiro, e não como negador, dessa tradição histórica.

Assim, os livros dos Macabeus fornecem ao Novo Testamento não apenas temas isolados, mas um **arcabouço teológico completo**, no qual martírio, sofrimento fiel, profanação do sagrado, ressurreição e vindicação divina já estavam plenamente articulados antes do surgimento do cristianismo. O Novo Testamento não cria essas categorias; ele as reorganiza e as reaplica em um novo contexto interpretativo.

Capítulo 2

As influências diretas de Zacarias sobre a literatura dos Macabeus

A relação entre o **Livro de Zacarias** e a literatura dos Macabeus é mais direta do que normalmente se reconhece. Quando lidos em chave histórico-crítica, especialmente os capítulos finais de Zacarias, torna-se evidente que seus oráculos não operam em um horizonte abstrato ou exclusivamente escatológico, mas refletem expectativas de conflito armado, restauração nacional, purificação do culto e legitimação de lideranças em um contexto de dominação estrangeira. Esses temas encontram correspondência histórica concreta no período hasmoneu narrado em 1 e 2 Macabeus.

Um dos paralelos mais explícitos aparece na linguagem de conflito contra potências estrangeiras. Zacarias descreve o juízo contra cidades e povos vizinhos e a preservação de Jerusalém em meio à instabilidade regional (Zc 9:1–8). Logo adiante, o texto menciona de forma inequívoca o embate entre Judá e a Grécia, apresentando Sião como instrumento de guerra contra um poder helênico opressor (Zc 9:13). Essa referência deixa de ser simbólica quando colocada ao lado da narrativa macabaica, na qual o inimigo histórico concreto é o domínio selêucida, herdeiro direto do mundo grego (1Mac 1:1–10; 2:1–70; 3:1–9).

Zacarias também oferece uma teologia da liderança armada legitimada por Deus. O profeta descreve chefes

fortalecidos para a guerra, comparados a instrumentos divinos no conflito (Zc 10:3–5). Essa expectativa se concretiza historicamente na figura de Matatias e, sobretudo, de Judas Macabeu, apresentados como líderes carismáticos cuja autoridade deriva do zelo pela Lei e da vitória militar contra forças superiores (1Mac 2:49–64; 3:1–9). A liderança hasmoneia não surge como usurpação, mas como resposta teologicamente interpretada a uma crise nacional.

Outro eixo de convergência está na imagem de Jerusalém sitiada e posteriormente fortalecida. Zacarias descreve a cidade como alvo de cerco, mas também como centro da resistência divina contra as nações (Zc 12:2–9). Essa expectativa encontra paralelo direto nos cercos e

batalhas travados em torno de Jerusalém durante o período selêucida, especialmente nos conflitos envolvendo Antíoco IV e seus sucessores (1Mac 6:18–54; 2Mac 13). O que em Zacarias aparece como oráculo profético, em Macabeus se apresenta como evento histórico interpretado teologicamente.

A temática do sofrimento coletivo e do lamento nacional também estabelece uma ponte clara entre Zacarias e os Macabeus. O profeta descreve um lamento profundo após a violência interna e o conflito, associado à fidelidade do povo em meio à crise (Zc 12:10–14). Esse mesmo lamento atravessa os relatos de martírio em 2 Macabeus, nos quais a dor da perda é inseparável da afirmação da identidade religiosa e da confiança na justiça

divina (2Mac 7:1–42; 14:37–46). Em ambos os casos, o sofrimento não é interpretado como abandono de Deus, mas como parte do processo de purificação e restauração.

A purificação do culto ocupa lugar central tanto em Zacarias quanto em Macabeus. O profeta anuncia uma fonte de purificação aberta para Jerusalém, acompanhada da eliminação de práticas religiosas ilegítimas (Zc 13:1–3). Essa expectativa se concretiza historicamente na purificação do Templo conduzida pelos hasmoneus, com a destruição de altares estrangeiros e a restauração do culto exclusivo a YHWH (1Mac 4:36–59). O clímax dessa restauração é a instituição da Festa da Dedicção, que transforma a vitória militar em memória litúrgica permanente.

Zacarias projeta uma visão de centralidade absoluta do Templo e do culto restaurado como eixo da identidade nacional (Zc 14:16–21). Em Macabeus, essa centralidade deixa de ser expectativa e se torna realidade histórica, quando o Templo purificado passa novamente a funcionar como símbolo máximo da fidelidade judaica em oposição à dominação estrangeira (1Mac 4:52–59; 2Mac 10:1–8). A literatura macabaica, portanto, não apenas ecoa Zacarias, mas opera como o espaço histórico no qual suas imagens encontram realização concreta.

A relação entre Zacarias e os Macabeus não é de profecia vaga e cumprimento distante, mas de continuidade histórica. Zacarias fornece a linguagem, as imagens e as expectativas; os Macabeus fornecem o cenário no qual

essas expectativas se materializam. Essa constatação é decisiva para compreender por que, mais tarde, o Novo Testamento poderá reaproveitar Zacarias em chave cristológica, mesmo quando seus oráculos já haviam encontrado realização histórica no período hasmoneu.

Capítulo 3

Por que as “profecias messiânicas” de Zacarias se cumprem nos Macabeus, não em Jesus

A leitura cristológica do **Livro de Zacarias** parte de um deslocamento hermenêutico que ignora, ou relativiza, o cumprimento histórico imediato de seus oráculos. Quando Zacarias é analisado em seu contexto literário e histórico mais plausível, especialmente nos capítulos 9 a 14, torna-se evidente que suas expectativas não apontam para um messias escatológico transcendente, mas para conflitos concretos envolvendo Judá, Jerusalém, o Templo e potências estrangeiras. Esses conflitos encontram realização histórica direta no período hasmoneu,

conforme narrado nos livros dos Macabeus (Zc 9:1–8; 9:13; 1Mac 1–4).

Textos tradicionalmente lidos como profecias messiânicas cristológicas apresentam correspondência histórica mais consistente com os acontecimentos macabaicos. A imagem de Judá despertado contra a Grécia, por exemplo, deixa de ser simbólica quando confrontada com a revolta armada contra o domínio selêucida (Zc 9:13; 1Mac 2:49–64; 3:1–9). Da mesma forma, a expectativa de Jerusalém sitiada, mas fortalecida por intervenção divina, encontra paralelo direto nos cercos e batalhas do século II a.C. (Zc 12:2–9; 1Mac 6:18–54; 2Mac 13). Esses textos não descrevem um futuro distante, mas

reinterpretam teologicamente uma crise histórica concreta.

A purificação do culto, outro tema central em Zacarias, também encontra seu cumprimento no período macabeu. A promessa de uma fonte aberta para purificação e a eliminação de práticas ilegítimas (Zc 13:1–3) correspondem diretamente à purificação do Templo e à restauração do culto exclusivo a YHWH após a vitória hasmoneia (1Mac 4:36–59). O clímax dessa restauração, com a centralidade absoluta do Templo e do culto em Jerusalém, é igualmente realizado na instituição da Festa da Dedicção (Zc 14:16–21; 1Mac 4:52–59; 2Mac 10:1–8).

Mesmo os textos de Zacarias associados à violência interna, ao lamento nacional e à morte do justo não exigem

uma leitura cristológica original. O lamento coletivo após conflito violento (Zc 12:10–14) encontra paralelo imediato nos relatos de martírio macabaico, nos quais a dor da perda está inseparavelmente ligada à fidelidade à Lei e à esperança de vindicação divina (2Mac 7:1–42; 14:37–46). A teologia do sofrimento fiel, posteriormente apropriada pelo cristianismo, já está plenamente formulada no judaísmo hasmoneu.

O Novo Testamento, ao reaproveitar Zacarias, não o faz como cumprimento histórico, mas como releitura teológica. Textos de Zacarias são reorganizados tipologicamente para construir uma narrativa cristológica, especialmente nos Evangelhos e nos relatos da Paixão, sem que isso implique a inexistência de um cumprimento

histórico anterior. A apropriação cristã desloca símbolos originalmente ligados à restauração nacional, à guerra santa e à purificação do culto para uma interpretação centrada na figura de Jesus, reinterpretando o texto fora de seu horizonte original.

A conclusão que se impõe é metodologicamente clara. Zacarias não é, em sua origem, um livro de profecias cristológicas. Suas expectativas encontram realização histórica coerente no período macabeu, enquanto o Novo Testamento opera como instância de releitura simbólica e teológica posterior. Reconhecer esse processo não empobrece o texto bíblico, mas o devolve à sua historicidade, permitindo compreender como o cristianismo primitivo se construiu a partir de uma

tradição judaica já marcada por conflito, resistência, martírio e reelaboração interpretativa.

Conclusão

A análise conjunta de **Zacarias**, dos **livros dos Macabeus** e do **Novo Testamento** permite alcançar uma conclusão metodologicamente consistente: grande parte do imaginário que o cristianismo primitivo apresenta como cumprimento profético já havia encontrado **realização histórica concreta** no período hasmoneu. Quando os textos são lidos fora do filtro confessional e situados em seu contexto histórico, torna-se evidente que Zacarias não projeta uma cristologia futura, mas elabora expectativas ligadas a guerra, purificação do culto, restauração de Jerusalém e fidelidade sob dominação

estrangeira, expectativas essas que se materializam nos acontecimentos narrados em 1 e 2 Macabeus.

Os livros dos Macabeus funcionam, portanto, como o **campo histórico de realização** dessas imagens. Neles, a guerra contra o poder helenístico, a legitimação de líderes armados, a purificação do Templo, a instituição de Hanukkah e a teologia do martírio não aparecem como abstrações, mas como respostas concretas a uma crise política e religiosa sem precedentes. Essa teologia da fidelidade extrema, sustentada pela esperança da ressurreição e da vindicação divina, consolida-se no judaísmo do século II a.C. e permanece viva até o período do Segundo Templo tardio.

O Novo Testamento herda integralmente esse legado. Textos como Hebreus, os Evangelhos, Atos, Romanos, as epístolas católicas e o Apocalipse não criam ex nihilo suas categorias centrais, mas operam com um repertório já estabilizado no judaísmo macabaico, reinterpretando-o à luz da experiência cristã. A novidade cristã não está no surgimento dessas ideias, mas na **reorganização teológica** de símbolos, narrativas e expectativas herdadas.

As chamadas “profecias messiânicas” de Zacarias atribuídas a Jesus devem ser compreendidas como **releituras tipológicas posteriores**, e não como previsões cujo cumprimento histórico se daria exclusivamente no Novo Testamento. Os oráculos de Zacarias encontram

correspondência histórica muito mais consistente no período hasmoneu, enquanto o cristianismo primitivo realiza um deslocamento hermenêutico, apropriando-se dessas imagens para construir uma cristologia narrativa e teológica. Trata-se de um processo de ressignificação, não de cumprimento histórico primário.

Concluir dessa forma não significa negar a legitimidade religiosa das leituras cristãs, mas **restabelecer a distinção fundamental entre sentido histórico e apropriação teológica**. Ao recuperar a centralidade dos Macabeus e o contexto original de Zacarias, o texto bíblico é devolvido à sua densidade histórica, revelando um cristianismo que não surge em ruptura com o judaísmo anterior, mas como herdeiro de

uma tradição já profundamente marcada por conflito, resistência, martírio e reelaboração simbólica. Essa recuperação não empobrece a leitura bíblica; ao contrário, a torna intelectualmente mais honesta, historicamente mais precisa e teologicamente mais consciente de suas próprias origens.

Referências Bibliográficas

BODA, Mark J. *The Book of Zechariah*. Grand Rapids: Eerdmans, 2016. (The New International Commentary on the Old Testament).

COLLINS, John J. *Between Athens and Jerusalem: Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

GOLDSTEIN, Jonathan A. *I Maccabees: A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven: Yale University Press, 1976. (The Anchor Yale Bible, v. 41).

SCHWARTZ, Daniel R. *2 Maccabees*. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. (Commentaries on Early Jewish Literature).

WRIGHT, N. T. *The Resurrection of the Son of God*. Minneapolis: Fortress Press, 2003.